

A PESQUISA E O ENSINO EM GEOGRAFIA: o exercício da dúvida em tempos de perplexidade...

Mara Rúbia Alves Marques¹

RESUMO: Este texto trata dos desafios colocados à pesquisa e ao ensino de Geografia em tempos de transição paradigmática. O objetivo é questionar os limites e desafios da abordagem marxista da Geografia Crítica diante de uma epistemologia pós-moderna em educação. O texto constitui-se de quatro seções, respectivamente, sobre a condição da pesquisa e do pesquisador; sobre a relação entre a cidadania e a Geografia Crítica; sobre a relação entre a história/cultura; a cidadania e a Geografia Crítica; e, finalmente, sobre a relação entre as epistemologias moderna e pós-moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino , Geografia , Pós-Modernidade.

ABSTRACT: This paper investigates the challenges encountered by professionals teaching Geography in a time of changes in paradigms. The objective of this study is to question the limits and challenges in the marxist approach to teaching a Critical Geography before a post modern epistemology in education. The text comprehends four different sections, which consist of, respectively, research and researcher conditions, relation between citizenship and Critical Geography, relations between History and Culture, and, finally, the relation between modern and post modern epistemologies.

KEY WORDS: Teaching , Geography , Post-Modern.

(...) ainda não surgiu um modelo explicativo, um paradigma que substituisse a teoria marxista no ensino de Geografia. Mas não seria a ausência de paradigmas uma característica de nosso tempo?
(Iara Guimarães)

¹ Professora do Curso de Pedagogia e do Curso de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia

A pesquisa e o ensino em geografia : O exercício da dúvida em tempos de perplexidade
Mara Rúbia Alves Marques

Este texto è uma reflexão sobre os desafios colocados à pesquisa e, em decorrência, ao ensino de Geografia em tempos de transição paradigmática, isto é, de profundas alterações no campo da história, da epistemologia e da pedagogia (Veríssimo, 1996)². Tal reflexão justifica-se pois, como docente da disciplina Didática e Metodologia de Geografia e História na Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, e como pesquisadora eventualmente envolvida em bancas examinadoras de projetos e dissertações no campo da Geografia, temos acumulado alguns questionamentos acerca dos atuais rumos teóricos e metodológicos nessa área. Processo semelhante, aliás – embora em nível diferente de investigação –, ao que desenvolvemos relativamente à História e à própria Pedagogia (Idem, 1996), diante de um certo mal-estar na pesquisa e no ensino, especificamente em História e Geografia (Silva, 1995; Guimarães, 1995)³.

O objetivo deste trabalho é, em última instância, questionar os limites e desafios da abordagem marxista da Geografia Crítica, diante de uma epistemologia pós-moderna, que tem questionado a predominância das metanarrativas modernas no campo educacional. Para tanto, consideramos nossa própria experiência com a pesquisa e o ensino, bem como dialogamos, mais especificamente, com um ótimo trabalho, recentemente produzido, sobre o ensino de Geografia (Brabo, 1993)⁴, o qual tem como referência a categoria “cidadania”.

O presente texto constitui-se de quatro pequenas seções, respectivamente, sobre a condição da pesquisa e do pesquisador; sobre a relação entre a cidadania e a Geografia Crítica; sobre a relação entre a história/cultura, a cidadania e a Geografia Crítica, e, finalmente, sobre a relação entre a epistemologia moderna e a epistemologia pós-moderna.

² VERÍSSIMO, Mara Rúbia A. M. *Educação e cidadania na pós-modernidade*. Universidade Federal de Uberlândia, 1996. Dissertação de Mestrado.

³ SILVA, Zélia L. da (Org.). *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 1994, p. 51-56. GUIMARÃES, Iara Vieira. O ensino de Geografia em tempos de globalização e da crise paradigmática. *Ensino em Re-Vista*. Uberlândia, v. 4, n.1, jan./dez. 1995, p. 59-64.

⁴ BRABO, Virgínia Ferreira de C. *Geografia Crítica e Cidadania no Ensino Fundamental: um estudo na Escola Prof. Mário Godoy Castanho – Uberlândia, MG (2001-2003)*, Universidade Federal de Uberlândia, 2003, 130 p. Dissertação de Mestrado.

1. O Dilema da Pesquisa e do Pesquisador

Antes de mais nada, levando em conta que, atualmente, o trabalho de pesquisa reflete um dilema epistemológico pós-moderno, evidenciado pela tensão entre o método analítico e a complexidade, isto é, o dilema presente na análise racional (uma exigência moderna)⁵ de uma realidade complexa (uma condição pós-moderna). Por si mesma, tal constatação justifica, em parte, os limites da pesquisa e as dificuldades com que se depara o pesquisador. Consideramos, entretanto, pelo menos dois supostos pertinentes para relativizar uma certa perplexidade formal e teórico – metológica. Em primeiro lugar, a afirmação filosófica de Goergen, ao analisar diferentes posições quanto ao “modernismo” e ao “pós-modernismo”:

Não há (...) contradição entre a defesa intransigente dos principais postulados da modernidade, sobretudo no que diz respeito à existência de uma racionalidade universal (...) e o reconhecimento de uma era transicional, na qual estão surgindo condições sociais que questionam velhas ortodoxias (Goergen, s/d, p. 71)⁶.

Em segundo lugar, a afirmação antropológica de Felipe Fernández-Armesto, ao criticar as concepções evolutivas do conhecimento humano da desordem cognitiva para a sistematização científica:

O intelecto humano dá sentido às coisas e, se for o caso, erra por excesso de coerência. (...) A busca de coerência é uma das características inatas que tornam humano o pensamento humano (Fernández-Armesto, 2000, p. 46-48)⁷.

Encontramo-nos, assim, mais à vontade para expor os aspectos da tentativa em associar o ímpeto natural para o entendimento do mundo e a competência para fazê-lo conforme os padrões necessários à sua inteligibilidade; e começamos reafirmando uma constatação advinda da experiência:

⁵ Trecho do texto elaborado para nossa defesa da Tese de Doutorado: *Um Fino Tecido de Muitos Fios...* Mudança Social e Reforma Educacional em Minas Gerais (UNIMEP, Piracicaba/SP, 2000, p. 1). Mimeografado.

⁶ GOERGEN, Pedro. *A Crise de Identidade da Universidade Moderna*. s/d, p.68-110. Mimeografado.

⁷ FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Verdade - uma história*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

O que é a pesquisa senão o percurso de investigação movido por dúvidas e perplexidades que nos impulsionam a buscas instigantes rumo a uma finalização que é, ao mesmo tempo, o início de novas aberturas, do afloramento de outras perplexidades. É neste sentido que o conhecimento é um processo necessariamente incompleto. Porque vivemos, conhecemos e nos tornamos subjetividades que são sínteses em constante movimento de fazeres e elaborações infinitamente inconclusas. (...) é a noção do processo de conhecimento que envolve um sujeito que se reconhece no diálogo com o seu objeto e se encontra com os resultados de seu trabalho, como síntese de múltiplas elaborações e de seus respectivos sujeitos (Veríssimo. 1996: 148-149).

A tarefa, entretanto, não é tão fácil, pois, como afirma Davini (1995)⁸, atualmente “el camino es de incertezas. Pero la situación requiere revisar nuestras tradiciones, nuestros compromisos, nuestros supuestos, nuestras acciones: en fin, nuestras prácticas”. Essa parece ser a condição que se coloca à pesquisa e ao pesquisador em tempos de transição paradigmática, em que é comum o exercício da dúvida e da perplexidade. Nesse caso, na perspectiva de Santos (1997, p. 57)⁹, “a prudência é a insegurança assumida e controlada. Tal como Descartes, no limiar da ciência moderna, exerceu a dúvida em vez de a sofrer, nós, no limiar da ciência pós-moderna, devemos exercer a insegurança em vez de a sofrer”.

E onde estão a perplexidade e as dúvidas prudentes?

2. Sobre a Relação Entre a Cidadania e a Geografia Crítica

Uma vez que se “tem discutido muito a importância do desenvolvimento da cidadania na sociedade atual, principalmente na educação” (Brabo, 2003, p. 12), e supondo a fé moderna na equação causal entre mais escola – mais cidadania, a dúvida se expressa em “(...) verificar se a [Geografia Crítica] alcança, ou não, os objetivos propostos no ambiente educacional (...) principalmente porque a Geografia pautou seus objetivos em pressupostos teóricos que buscam contribuir com a formação da ci-

⁸ DAVINI, María C. *La Formación Docente en Questión: política e pedagogía*. Buenos Aires: Paidós SAICF, 1995.

⁹ SANTOS, Boaventura de S. *Um discurso sobre a ciência*. 9 ed. Porto: Afrontamento, 1997, 59 p. Coleção História & Idéias.

dadania” (Idem, p. 11). A dúvida se expressa, também, no desencantamento com a moderna promessa redentora racionalista, já que “(...) a sociedade continua a sofrer com problemas causados pela falta da atuação de uma cidadania completa, ativa e crítica” (Ibdem, p. 13), em termos de uma ausência de “sentimento de cidadania”.

Parece-me, assim, parafraseando o poeta, que no meio do caminho havia uma pedra/havia uma pedra no meio do caminho [da Geografia], já que se vincula a falta de cidadania às “doenças culturais”, comportamentais, advindas dos traços históricos da formação sócio – cultural e política brasileira (Resende apud Brabo, 2003, p. 13-15).

E onde estão as pedras/desafios/dilemas epistemológicos e pedagógicos à Geografia? Estão em questões simples: é possível à Geografia formar para a cidadania crítica, consciente e participativa? É desejável à Geografia tematizar a cidadania por meio da aproximação interdisciplinar aos estudos históricos e aos estudos culturais? É possível rever a própria concepção de cidadania crítica e consciente? É possível, enfim, pensar uma Geografia pós-crítica?

3. Sobre a Relação Entre a História/Cultura, a Cidadania e a Geografia Crítica

Visto que é necessário “(...) detectar neste estudo de caso e em nossa experiência, as dificuldades que a Geografia Crítica ainda enfrenta, ao tentar realizar o seu objetivo de formar cidadãos críticos e participativos” (Brabo, 2003, p. 16), e oscilando entre a fé moderna na equação causal entre mais escola – mais cidadania e a perspectiva pós-moderna expressa na equação cidadania/condição social/experiência/senso comum – escola, a dúvida se expressa entre o peso da história/cultura e o peso do conhecimento na formação da cidadania.

Com base na pesquisa com a comunidade e os estudantes investigados, percebeu-se

[que] a exclusão espacial e social são fatores importantes para compreendermos o quanto uma pessoa é cidadã. Usufruir do espaço é uma condição *sine qua non* para ser um cidadão completo: quanto mais excluído de acesso, de participação, de direitos,

menos o indivíduo é cidadão. É necessário que um indivíduo seja capaz de fazer análises sobre sua realidade, perceber o espaço em que vive e do qual participa, em que deve interferir compreendendo os seus direitos e deveres (Idem, p. 16).

Trata-se, nesse caso, da cidadania como condição social concreta, mas também como uma condição social plena, como ideal a ser alcançado pela otimização do conhecimento ou da análise racional. Perspectiva que muda logo adiante, já que

(...) se elaborou um perfil sócio – econômico, com o intuito de se compreender a realidade de cada um e, por meio disso, fazer uma descrição mais fiel acerca da exclusão no bairro e, ainda, *entender por que e como ela se reflete na escola, na sala de aula, mais precisamente* (Brabo, 2003, p. 16 – grifos nossos).

Daí, numa desejável atitude de humildade epistemológica, num primeiro momento, admitir que, “quanto à questão da Geografia Crítica e da Cidadania, havia a necessidade de nossa parte, de saber o que é cidadania, pois sempre ouvimos falar da Geografia Crítica e de Cidadania, e não compreendíamos a sua relação”. Daí, também, numa desejável atitude de ousadia pedagógica, a necessidade de “estabelecermos alguns saberes necessários aos alunos para que pudessem exercer a sua cidadania em sua plenitude” (Idem, p. 17).

Tal oscilação, que acomete o pesquisador na transição paradigmática entre a modernidade e a pós-modernidade (Santos, 1994),¹⁰ ou na condição pós-moderna (Harvey, 1993)¹¹, se expressa no sentido mesmo do trabalho de investigação, pois

(...) este é apenas o começo do desvendar de como uma classe pobre é excluída sócio-espacialmente, auxiliando a discutir o papel da Geografia Crítica no projeto de mudança e de compreensão deste estado de exclusão de cidadania. Pois é na esfera geográfica que nós objetivamos forma cidadão participativos, críticos e conscientes da sua realidade social (Brabo, 2003, p. 17).

¹⁰ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice; o social e o político na pós-modernidade*. 2 ed. Porto: Afrontamento, 1994.

¹¹ HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1993.

Mas como se configura esse oscilar entre o moderno e o pós-moderno?

4. Entre a Epistemologia Moderna e a Epistemologia Pós – Moderna

Em primeiro lugar, quando “realizamos uma pesquisa (...) sobre a ciência desde o seu surgimento na Antigüidade até o momento atual (...) discutimos, enfim, as várias ‘geografias’ para chegarmos á Geografia Crítica que é a abordagem deste estudo” (Idem, p. 17); e quando, da mesma forma, “realizamos uma pesquisa (...) sobre a cidadania desde o seu surgimento na Antigüidade até o momento atual (...) discutimos as várias ‘cidadanias’ para atingirmos o *sentimento de cidadania*, a cidadania ativa, que é o tema do presente trabalho” (Brabo, 2003, p. 17), adotamos uma característica do conhecimento científico no paradigma emergente: “todo conhecimento è auto-conhecimento”, já que a ciência e o cientistas são autobiográficos (Santos, 1997, 51-55). Se, entretanto, a Geografia Crítica e a cidadania liberal e social tornam-se os limites da investigação, para além dos quais há recuos analíticos, prevalece o *status quo* teórico – metodológico do paradigma dominante –, é preciso enfrentar, assim, as brechas abertas pelo próprio conhecimento, contra as quais é quase impossível resistir.

Se, nesse último caminho, “entendemos que a discussão da formação da cidadania é complexa e, por isso, é difícil atingi-la sem a compreendermos por inteiro” (Brabo, 2003, p. 18), e se “constatamos que o processo de construção do significado do termo cidadania ainda demanda questionamentos” (Idem, p. 122), talvez o que esteja em jogo seja a complexidade do tempo presente, no que diz respeito à relação entre a cidadania liberal, a cidadania social e a subjetividade.

Seria mais pertinente, nesse sentido, analisar a cidadania não pelo viés da falta, da ausência, mas de suas históricas e, também, mais novas manifestações por meio dos Novos Movimentos Sociais, num contexto de manipulação dos clássicos direitos civis e políticos, bem como de perda dos direitos sociais conquistados no âmbito do Estado provedor. Mas, inclusive, no contexto de politização de outros espaços estruturais da sociedade como o espaço mundial (com seus dilemas relativos à globalização, ao meio ambiente e à explosão demográfica) e o espaço doméstico, para além dos espaços modernos da produção e da cidadania – na concepção liberal da relação Estado/sociedade civil. Nesse caso, a questão para a Geografia muda radicalmente, pois já não se trata de formar a cidadania ou o cidadão político, crítico e consciente; trata-se de politizar, no sentido

de mostrar o poder e a política, isto é, de evidenciar o que há de mais positivo e afirmativo na Modernidade: o cidadão ou “o sujeito como movimento social” (Touraine, 1994).¹²

Em segundo lugar, se constatamos que “(...) do cidadão ateniense ao cidadão planetário, há uma diferença inquestionável: enquanto no primeiro temos uma atuação local possibilitando uma democracia direta, no segundo, temos um mundo pleno de diversidades, no qual a opinião individual não tem força de provocar mudanças [sendo] necessário pensar em ser cidadão coletivo” (Brabo, 2003, p. 122), temos que considerar uma outra característica do conhecimento científico no paradigma emergente: “todo conhecimento é local e total” (Santos, 1997, p. 46-49). “É um conhecimento sobre as condições de possibilidade. As condições de possibilidade da ação humana projetada no mundo a partir de um espaço-tempo local” (Idem, p. 48). Isso denota que, enquanto locais, as ações, práticas e conhecimentos pós-modernos são uma miríade de mini – racionalidades - só aparentemente isoladas; mas, enquanto totais ou globais, dialogam entre si em diferentes espaços (geografia) e tempos (história), constituindo comunidades políticas e simbólicas.

Considerações Finais

À guisa de conclusão, o mérito da pesquisa analisada está em estabelecer uma articulação mais atualizada da Geografia à formação da cidadania com vistas ao ensino, em bases diferentes do pensamento moderno, para o que incorpora como categoria principal *a cidadania*. Entendemos que, como categoria epistêmica, pela cidadania supera-se o que Bonamino e Brandão (1994) identificam como um equilíbrio sempre precário entre a valorização das experiências singulares dos diferentes grupos e classes na sociedade e a necessária preservação, pela escola, das condições de interlocução com os elementos essenciais da cultura universal. Isso porque, ao expressar a diversidade das práticas emancipatórias opostas às práticas de regulação social em diferentes dimensões de espaço (geografia) e de tempo (história), a cidadania possibilita elementos de análise que unificam as experiências históricas globais e seus desdobramentos nos contextos singulares ou locais. A categoria cidadania permite, ainda, “(...) o trânsito horizontal e o aprofundamento vertical nos diferentes campos disciplinares” (Bonamino

¹² TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994. 431p.

A pesquisa e o ensino em geografia : O exercício da dúvida em tempos de perplexidade
Mara Rúbia Alves Marques

e Brandão, 1994: 100),¹³ pelas contribuições analíticas da História, da Filosofia, da Sociologia, da Psicologia, da Antropologia e, como se vê, da própria Geografia.

Por fim, constatamos que a cidadania torna possível que “(...) a reflexão mantenha uma permanente interlocução com a prática e incorpore dimensões que transcendam o nível meramente cognitivo” (Idem: 100). Isto porque, ao articular o sujeito ou a subjetividade às práticas sociais, que incluem também o âmbito das produções culturais e simbólicas, a cidadania incorpora, para além do âmbito da Ciência, “(...) dimensões de outros saberes, enraizados na sensibilidade, na estética, na ética, nas crenças, etc.” (Ibdem: 100), permitindo, assim, a elaboração de outros padrões de racionalidade.

¹³ BONAMINO, Alícia Catalano de, BRANDÃO, Zaia. Posfácio. In: BRANDÃO, Zaia (Org.). A crise dos paradigmas e a educação. São Paulo: Cortez, 1994. p.88-102. Coleção Questões da Nossa Época, 35.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONAMINO, Alícia Catalano de, BRANDÃO, Zaia. Pós-fácio. In: BRANDÃO, Zaia (Org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 1994. p.88-102. Coleção Questões da Nossa Época, 35.
- BRABO, Virgínia Ferreira de C. **Geografia Crítica e Cidadania no Ensino Fundamental**: um estudo na Escola Prof. Mário Godoy Castanho – Uberlândia, MG (2001-2003), Universidade Federal de Uberlândia, 2003, 130 p. Dissertação de Mestrado.
- DAVINI, Maria C. **La Formación Docente en Questión: política e pedagogía**. Buenos Aires: Paidós SAICF, 1995.
- FERNÁNDES-ARMESTO, Felipe. **Verdade - uma história**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GOERGEN, Pedro. **A Crise de Identidade da Universidade Moderna**. s/d, p.68-110. Mimeografado.
- GUIMARÃES, Iara Vieira. O ensino de Geografia em tempos de globalização e da crise paradigmática. **Ensino em Re-Vista**. Uberlândia, v. 4, n.1, jan./dez. 1995, p. 59-64.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1993.
- SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas – a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- MARQUES, Mara Rúbia A. **Um Fino Tecido de Muitos Fios...** Mudança Social e Reforma Educacional em Minas Gerais, UNIMEP, Piracicaba/SP, 2000. Mimeografado.
- SANTOS, Boaventura de S. **Um discurso sobre a ciência**. 9 ed. Porto: Afrontamento, 1997, 59 p. Coleção História & Idéias.
- _____. **Pela mão de Alice; o social e o político na pós-modernidade**. 2 ed. Porto: Afrontamento, 1994.
- SILVA, Zélia L. da (Org.). **Cultura histórica em debate**. São Paulo: Editora da UNESP, 1994, p. 51-56.
- TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Trad. Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994. 431p.
- VERÍSSIMO, Mara Rúbia A. M. **Educação e cidadania na pós-modernidade**. Universidade Federal de Uberlândia, 1996, dissertação de Mestrado.